

## URBANIDADE: A CIDADE E A UTOPIA DA MÁXIMA INTERAÇÃO

1. O ideal da máxima e livre interação da diversidade humana é uma aposta no potencial produtivo de transformações sociais advindas daí. Essa possibilidade encontra nas cidades o *locus* de sua realização, realização que dependerá do teor de URBANIDADE das cidades. Nesse sentido a ideia de urbanidade representa um ideal, um regime, um modo de vida social e de postura filosófica de vida. Um modo de vida que investe nas relações, nas interações, na força dos procedimentos, da razão comunicativa. Quanto mais a urbanidade se consolida nas espacialidades dos diversos atores sociais, mais as posturas antiurbanas serão inibidas.
2. Em termos teóricos a urbanidade pode ser definida como o indicador do estado específico da organização dos habitantes e dos objetos no interior de uma situação urbana dada. A urbanidade é tanto o resultado de um estado de coisas, de um funcionamento, quanto um operador da organização e de seu funcionamento.
3. Uma cidade ideal é a que tem urbanidade máxima. Outros elementos do sistema urbano<sup>1</sup> podem ter sua urbanidade medida, embora já se saiba de antemão que terão necessariamente uma urbanidade mais baixa que qualquer cidade, mas podem vê-la aumentada conforme as articulações espaciais. A cidade é o máximo do sistema urbano. É o urbano em sua condição superior.
4. A urbanidade foi frequentemente identificada ao centro da cidade (daí a ideia de centralidade), mas isso não faz mais sentido em razão do próprio tamanho das cidades contemporâneas. Deve-se estender a exigência da presença da urbanidade para todas as localidades das cidades e do espaço urbano em geral.
5. Sendo a urbanidade um estado de um ambiente e de uma trama relacional urbana ela pode ser identificada e medida? Como medir algo tão difuso e que implica em produções humanas imprevisíveis? Há uma dimensão formal do fenômeno cujos elementos são passíveis de serem objetivados em alguma medida. E isso pode representar uma porta de entrada no interior da complexidade das relações humanas mais ou menos contempladas pela *urbanidade*. Há fatos observáveis que de início nos indicam maior ou menor potencial de interações sociais com alta ou baixa diversidade. Podemos trabalhar com indicadores, com algo que faça o papel de uma régua, uma régua complexa adequada a um objeto que está longe de ser equiparável aos objetos naturais, aos quais a identidade científica analítico-empírica está habituada. Há uma proposição clara para tal no quadro que expõe os dois modelos extremos de urbanidade, como se fossem as extremidades referências da "régua de medir a urbanidade". Uma extremidade ele designou como modelo "Amsterdã" e a outra como modelo "Joanesburgo", como símbolos de situações urbanas.
6. Os dois modelos são descrições das possibilidades existentes. Os nomes foram escolhidos por que essas cidades podem simbolizar as duas situações extremas. Giulio Carlo Argan ao ser perguntado sobre a cidade mais "saudável" responde: "A mais saudável, indubitavelmente, na Europa, é Amsterdã. As cidades holandesas [...], mas especialmente Amsterdã. A cidade tem, sem nenhuma implicação política, uma forma de controle público das zonas centrais". Por sua vez, o modelo Joanesburgo apresenta o

---

<sup>1</sup> Subúrbios de tipo americano, campo urbanizado, por exemplo.

extremo mínimo da urbanidade, até onde essa pode declinar. Joanesburgo possui 117 anos apenas e está livre do *apartheid* desde 1994, uma forma de organização anti-cidade. Nesse modelo, nota-se o domínio da separação e da busca da homogeneidade em todos os aspectos que estruturam o espaço, que não é mais que um mosaico de bairros especializados e sociologicamente uniformes, inclusive etnicamente. O sul-africano Henning Rasmuss<sup>2</sup>, declara que mesmo com o fim do *apartheid* a cidade vem inventando novas formas de separação que são enclaves residenciais de segurança máxima, tal como *bunkers*, e zonas comerciais de uso exclusivo e sem contato com seus arredores. Nos centros de compra e lazer existe uma cidade do Terceiro Mundo acontecendo no térreo, enquanto outra, de primeiro mundo, ocorre nos pisos superiores, protegidos da interface com a cidade.

MODELOS PARADIGMÁTICOS DE URBANIDADE		
	<i>Amsterdã</i>	<i>Joanesburgo</i>
Densidade residencial e de atividades	+	-
Compacidade	+	-
Interacessibilidade dos lugares urbanos	+	-
Presença de espaços públicos	+	-
Importância das métricas pedestres	+	-
Copresença habitação/emprego	+	-
Diversidade de atividades	+	-
Heterogeneidade sociológica	+	-
Fortes polaridades intra-urbanas	+	-
Auto-avaliação positiva do conjunto dos lugares urbanos	+	-
Autovisibilidade/auto-identificação da sociedade urbana	+	-
Respeito pelas condições ambientais	+	-
Sociedade política de escala urbana	+	-

**Fonte:** (LÉVY, Le tournant géographique, p. 243).

7. Em graus diversos o modelo Joanesburgo está longe de ser uma manifestação peculiar, ao contrário, é algo repetível e facilmente identificável em outras partes do mundo. Assim como, o de Amsterdã também é encontrável. Quer dizer: a esquematização desses dois paradigmas adquire força heurística como instrumento de observação inicial das cidades porque não há variação externa a eles. O que existe são forças atuando nessas duas direções. E há uma distribuição geográfica visível desses dois modelos.

8. O "encerramento" da urbanização nos países ricos teria construído tipos de urbanidade estáveis? Na verdade há movimentação interna, que modifica constantemente o "teor" da urbanidade. Pode-se chamar atenção para as manifestações do "modelo Joanesburgo", nas áreas novas de expansão urbana, mesmo nas franjas de cidades marcadas pelo modelo Amsterdã. São situações nas quais a aglomeração contígua é renegada a favor da dispersão urbana, em nome de ideologias, como as de inspiração ecologista, da paranoia da segurança...

<sup>2</sup> Arquiteto e curador do segmento de Joanesburgo na 5ª Bienal de Arquitetura e Design de São Paulo.